

# "A SOCIOLOGIA... QUANDO ELA É BEM-FEITA". ENTREVISTA, 1984-1985<sup>1</sup>.

## "SOCIOLOGY... WHEN IT IS DONE WELL". INTERVIEW, 1984-1985

Entrevista com Norbert Elias realizada por Johan Heilbron<sup>2</sup>

### Apresentação da Entrevista por Johan Heilbron

A entrevista com Norbert Elias publicada a seguir é uma versão condensada de várias entrevistas realizadas no decorrer do ano de 1984 e no início de 1985. Elas foram feitas em inglês, no apartamento de Elias em Amsterdam<sup>3</sup>. Foi Pierre Bourdieu que me propôs o projeto, visando uma publicação na revista *Actes de la recherche en sciences sociales*. Pouco depois, em

novembro de 1985, ele convida Elias para dar uma conferência no Collège de France e para fazer uma ou duas intervenções na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). *Actes* publica, no mesmo momento, "Remarques sur le commérage"<sup>4</sup>.

Para compreender o sentido dessas iniciativas, podemos lembrar, rapidamente, apoiando-nos no trabalho de Marc Joly, o contexto muito particular da recepção de Elias na França<sup>5</sup>. O introdutor das obras de Elias, Jean Baechler,

1 Originalmente publicada em *Actes de la recherche en sciences sociales* (ARSS), 2014/5 (N° 205), p. 4-19. Tradução para o português de Igor Gastal Grill e revisão técnica de José Benevides Queiroz. As referências feitas nas notas de rodapé seguem a normalização da versão do texto veiculada em ARSS, por decisão do Comitê Editorial da REPOCS [Nota do Tradutor, N. T.].

2 Membro do Centro Europeu de Sociologia e Ciência Política, CESSP, Paris, FR, e professor da Universidade de Uppsala, Uppsala, SE. E-mail: heilbron@msh-paris.fr.

3 A entrevista publicada em ARSS foi traduzida para o francês por Julien Duval e Sophie Noël, que participam desse número da REPOCS [N.T.].

4 Norbert Elias, "Remarques sur le commérage" foi traduzido por Francine Muel-Dreyfus, que também assinou a apresentação do texto. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 60, novembre 1985, p. 23-29. Tradução do título para o português: "Apontamentos sobre a fofoca" [N.T.].

5 Marc Joly, *Devenir Norbert Elias. Histoire croisée d'un processus de reconnaissance scientifique: la réception française*, Paris, Fayard, 2012, p. 185-384.

havia publicado os dois volumes de *O Processo Civilizador (Überden Prozeß der Zivilisation)* e *A Sociedade de Corte (Die höfische Gesellschaft)*, entre 1973 e 1975, na coleção que ele dirigia nas edições Calmann-Lévy. Por razões ao mesmo tempo profissionais e editoriais, Baechler não queria deixar aparecer claramente o quadro propriamente sociológico no qual Elias havia empreendido seus trabalhos, e isso lhe valeu uma intensa troca de cartas com o autor, particularmente sobre o primeiro volume do *O Processo Civilizador (Über den Prozeß der Zivilisation)*. Essa publicação foi objeto de resenhas cujos conteúdos não atenuavam o viés a-sociológico: eram produzidas por historiadores situados na intersecção entre os campos acadêmico e jornalístico, como François Furet e Emmanuel Le Roy Ladurie, que apresentaram Elias como um historiador precursor da história das mentalidades. Vários jornalistas e divulgadores retomam essa leitura; e as primeiras traduções de Elias em francês não suscitaram debates nas revistas científicas<sup>6</sup>. Somente na primeira metade dos anos 1980, graças a Roger Chartier e alguns outros, que uma recepção propriamente científica, isto é, uma tradução que respeitava a integridade dos textos, a coerência global e o rigor conceitual da obra, começou a acontecer. Essa segunda recepção foi também marcada por encontros e colóquios, por novas traduções e reedições, notadamente de *A Sociedade de Corte* (com o prefácio de Roger Chartier), que prosseguem ainda hoje; como mostra a publicação das edições de La Découverte de *Au-delà de Freud*

(2010), coletânea organizada por Marc Joly com um texto inédito de Elias sobre Freud.

Norbert Elias se mostrou muito interessado quando eu o contatei em 1984 para lhe propor realizar uma entrevista. Ele gostava da ideia de poder se dirigir diretamente ao público francês não somente sobre os temas dos seus trabalhos sobre a França e de sua relação com esse país que ele havia estudado muito, mas também sobre a sua concepção de pesquisa e de Ciências Sociais. Entretanto, após alguns encontros, a entrevista não foi adiante, notadamente porque acabara de aparecer dois textos de caráter biográfico: *Notizen zum Lebenslauf* (1984), que o próprio Elias escreveu e publicou na Alemanha; e uma longa entrevista biográfica, realizada por Arend-Jan Heerma van Voss e Abram von Stolk, foi editada nos Países Baixos, em dezembro de 1984. Esses dois documentos, rapidamente traduzidos em várias línguas e frequentemente publicados em conjunto, impuseram-se como a fonte mais importante acerca da trajetória de Elias e de seus trabalhos<sup>7</sup>.

Se certos pontos coincidiam com a longa entrevista com Abram van Stolk e Arend-Jan Heerma van Voss, a que ele me concedera continha precisões não fornecidas em outras ocasiões. Nesta, Elias exprimia de maneira mais explícita sua relação com a sociologia francesa e sobre os autores e obras que o haviam particularmente marcado. Como a entrevista foi interrompida, ela só foi publicada quando Stephen Mennell, editor da *Collected Works* de Elias, a incorporou ao volume *Interviews and Autobio-*

6 Entre as exceções pode-se, no entanto, citar o posfácio de Norbert Elias, "Sport et violence" (traduzido por J. e A. Defrance), *Actes de la recherche en sciences sociales*, 6, décembre 1976, p. 2-21. Sobre o caso particular de não recepção de Norbert Elias, *Qu'est-ce que la sociologie?*, ver Marc Joly, "La 'grande oeuvre' méconnue: Norbert Elias en France", in Gisèle Sapiro (dir.), *Traduire la littérature et les sciences humaines. Conditions et obstacles*, Paris, La Documentation française, 2012, p. 301-321.

7 Ver Norbert Elias, *Norbert Elias par lui-même*, Paris, Fayard, 1991. Publicado em português, com o título *Norbert Elias por ele mesmo*, por Jorge Zahar Editor (primeira edição de 2001) [N.T.].

*graphical Reflections* (tomo 17)<sup>8</sup>. É a tradução francesa desse texto, acompanhada de notas explicativas de Stephen Mennell, que ora apre-

sentam os *Actes de la recherche*, periódico para o qual a entrevista foi inicialmente destinada.



8 Collected Works (18 tomos) foram publicados por University College Dublin Press (ver: [www.ucdpress.ie](http://www.ucdpress.ie)), as obras completas em alemão, *Gesammelte Schriften* (19 tomos), por Suhrkamp (ver: [www.suhrkamp.de/autoren/norbert\\_elias](http://www.suhrkamp.de/autoren/norbert_elias)). Muito similares, as duas edições não são, no entanto, idênticas. As anotações podem ser diferentes, a edição de certos textos também (como *A Teoria do Símbolo* ou a estrutura dos três volumes reagrupando os artigos e ensaios). Na edição inglesa falta o volume com os poemas e as sentenças (Tomo 18 da edição alemã), mas, diferentemente da edição alemã, ela inclui textos inéditos, especialmente o texto sobre Freud, editado por Marc Joly (2012), e um longo texto sobre Lucien Lévy-Bruhl, editado por Katie Liston e Stephen Mennell, que foram publicados no último volume de *Collected Works* (2014). Sobre as duas edições, ver: Mennell *The collected works: note on editorial policy*, in Norbert Elias, *Supplements and Index to the Collected Works* [*Collected Works*, vol. 18], Dublin, UCD Press, 2014, p. 9-14.

**Johan Heilbron:** Desde muito cedo sua vocação foi uma vocação intelectual?

**Norbert Elias:** Como vejo as coisas, foi no início da minha escolaridade que tive a ideia de fazer a *Forschung*, a pesquisa. Mas dizer isso agora soa falso. Eu tinha aspirações nesse sentido, mas minha “vocação” se parecia mais com um sonho de adolescente. Era, talvez, uma vaga ideia: eu sentia que era inteligente, que eu podia fazer alguma coisa, e eu queria fazer alguma coisa importante... Era mais esse gênero de coisas do que uma verdadeira intenção de fazer pesquisa. E mais, tive a sorte de estar em uma escola muito estimulante. Eu estudava com muitos alunos talentosos e havia também uma competição tácita com meus camaradas, que sempre me pareceram muito mais inteligentes do que eu.

Mas eu não tinha uma ideia precisa e não sabia claramente se me tornaria um escritor. Sempre escrevi poesia e mesmo bastante tarde eu me perguntava se devia seguir uma carreira universitária ou me tornar escritor. No presente momento, meu editor alemão quer publicar um ou dois volumes de poesia<sup>9</sup>. Meu interesse pela literatura remonta ao início da minha escolaridade. Eu me lembro que, aos treze anos, por volta de uma semana antes do meu *Bar Mitzvah*, fui na melhor livraria da cidade para explicar que se as pessoas viessem comprar presentes para o meu *Bar Mitzvah* deviam lhes dizer que eu desejava todos os clássicos – Goethe, Kleist, Heine, etc. – na edição do Bibliographisches Institut<sup>10</sup>. Garoto, eu mergulhei nessa literatu-

ra, enquanto um francês da minha idade mergulharia numa literatura totalmente diferente. Sempre me pergunto qual influência isso exerce sobre nossa maneira de ver as coisas.

**Johan Heilbron:** Alguém em sua família lhe serviu de exemplo intelectual?

**Norbert Elias:** Meu pai era um homem inteligente. Era um homem de negócios que se dedicava inteiramente ao seu trabalho e à sua família. Como ele começou pobre, ele não pôde realizar suas ambições intelectuais e ele projetou suas aspirações sobre seu filho único. Portanto, segui a ambição intelectual do meu pai, que tinha também frequentado um *Gymnasium*<sup>11</sup>, mas que, desde o fim de sua escolaridade, teve que ganhar a vida. Eu tinha fortemente consciência de representar uma segunda geração: se meu pai tivesse realizado plenamente suas ambições, eu não teria feito o que fiz.

**Johan Heilbron:** No *Gymnasium*, o senhor pertencia a um pequeno grupo de alunos. O que lhe interessava e o que leu?

**Norbert Elias:** Embora não estivesse no programa da escola, um professor, por iniciativa pessoal, se prontificou a ler filosofia para um pequeno número de garotos inteligentes que ele havia selecionado. Lembro ainda dos seus nomes. Muitos entre eles, é claro, morreram em combate durante a Primeira Guerra Mundial, alguns foram para Israel. Nós estávamos interessados pelos estudos e pela filosofia, mas uma coisa estranha, retrospectivamente, é que

9 Norbert Elias, *Los der Menschen: Gedichte/Nachdichtungen*, Francfort-sur-le-Main, Suhrkamp, 1987; nouvelle éd.: *Gedichte und Sprüche [Gesammelte Schriften]*, vol. 18], Francfort-sur-le-Main, Suhrkamp, 2004. Para uma muito reduzida seleção de poemas de Elias, em inglês, ver: Norbert Elias, *Interviews and Autobiographical Reflections [Collected Works Norbert Elias]*, vol. 17], Dublin, UCD Press, 2013, Appendix I, p. 297-300.

10 Uma editora reputada de clássicos e de livros de referência, fundada em 1926. Fundiu-se com F. A. Brockhaus em 1984, e voltou, após a unificação, à sua cidade de origem, Leipzig.

11 *Gymnasium* corresponde ao Ensino Médio brasileiro [N. T.]

nenhum deles realmente se tornou universitário. Todos nós tínhamos sonhos semelhantes – por que eu os consegui e não eles, não sei.

Nossas leituras, era muito Kant e Goethe. Mas tínhamos também bases sólidas e aprofundadas sobre a Antiguidade. Um dos professores da escola, Julius Stenzel, posteriormente se tornou um professor universitário muito conhecido de filologia clássica. Ele me transmitiu um interesse pela Antiguidade, que não me deixou nunca. Havia, então, influências de todas as partes.

Ao mesmo tempo, devo dizer que a Alemanha imperial, na qual cresci, estava envolvida pelo sentimento de que uma época atingia o seu fim. Muito mais tarde li uma citação de um líder conservador do período anterior a 1914, Von Heydebrand, que dizia: “Nós sabemos que os operários são uma potência crescente, mas não cederemos, não nos desalojarão tão facilmente”<sup>12</sup>. Em outros termos, na classe dirigente – no interior da qual, como judeu, eu era, é claro, um completo *outsider* –, o sentimento que tudo isso chegava ao seu fim, mas que “nós não cederíamos”, era muito corrente. Eu me lembro muito bem de um poeta que se suicidou (esqueci o nome), ele havia diagnosticado que sua vida não tinha mais sentido na sociedade. Mas, na escola, nós tínhamos uma elevada ideia de cultura e pensávamos que havia muitas coisas que podíamos fazer. O que é surpreendente, retrospectivamente, é que se tratava de um verdadei-

ro *Gymnasium* prussiano e que o diretor, um homem muito digno, com uma grande barba grisalha, tinha sido convidado, em um verão, a acompanhar o imperador em um cruzeiro. O imperador, cada verão, fazia um cruzeiro em um dos seus iates imperiais e convidava dignatários. Ele procurava, evidentemente, se tornar popular porque, de certa forma, ele não era tanto assim. Eu me lembro do reitor nos contando o quanto o imperador era benevolente e *grossartig* [notável]. Era, então, uma mistura entre, de uma parte, um lado muito prussiano e, de outra, uma educação cultural aprofundada.

**Johan Heilbron:** O senhor também se interessava pelas ciências [naturais], que eram, diz-se, um pouco desprezadas no *Gymnasium*?

**Norbert Elias:** Havia matemática e física, mas eu cursei muito pouco essas disciplinas. É bem possível que houvesse uma forma de desprezo pelas ciências. Mais tarde, quando comecei medicina, adquiri muito gosto pela ciências naturais, mas, na escola, nosso orgulho era a cultura, a literatura, as línguas e a filosofia, mesmo que essa última não fosse ensinada oficialmente.

Na verdade, meu primeiro texto publicado (*Vom Sehen in der Natur*), apareceu na revista de um movimento juvenil alemão<sup>13</sup>. É uma tentativa de dizer como podemos perceber as coisas “flanando”. Uma das ideias era que quanto mais você sabe sobre botânica, mais você pode experien-

12 Em *Studies on the Germans* [Collected Works, vol. 11], Dublin, UCD Press, 2013, p. 12, Elias cita de maneira mais precisa a observação de Ernst von Heydebrand und der Lasa (1851-1924, dirigente do Partido Conservador alemão): “Verdadeiramente, o futuro lhes pertence; as massas vão se afirmar e nos privar, nós os aristocratas, da nossa influência. Essa tendência pode somente ser temporariamente contida por um homem de estado forte. Aconteça o que acontecer, não sacrificaremos nossa posição voluntariamente”. A citação não vem diretamente dos escritos de Heydebrand. Foi Hermann Pachnicke quem relatou uma conversa com ele. Ver: Hermann Pachnicke, *Führende Männer im alten und im neuen Reich*, Berlin, Reiner Hobbing, 1930, p. 63. *Studies on the Germans* foi publicado em português, com o título *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*, por Jorge Zahar Editor - primeira edição de 1997, traduzida do inglês por Andrea Daher [N.T.].

13 Norbert Elias, “On seeing in nature”, in *Early Writings* [Collected Works, vol. 1], Dublin, UCD Press, 2006, p. 5-22. O “movimento de juventude alemã” é o movimento judeu Blau-Weiss.

ciar a beleza. Assim, eu insistia sobre a ciência – e, aliás, eu aconselhava meus camaradas a ler sobre botânica –, mas para colocá-la a serviço de uma experiência mais rica. É um artigo bizarro porque ele é cheio de referências a Goethe, Kant e tudo isso.

**Johan Heilbron:** O senhor era igualmente atraído por autores franceses?

**Norbert Elias:** Por uma razão que não é clara, caí de amores pela cultura francesa já na escola. Eu lia *La Revue française*, um periódico de propaganda editado pelo governo francês para informar os estudantes estrangeiros sobre a cultura francesa. Eles organizavam, às vezes, concursos e eu participei uma vez escrevendo um pequeno ensaio em francês, mas não ganhei. É também essa afinidade com a cultura francesa que me levou à Paris quando da ascensão de Hitler. Nessa época, eu falava francês fluentemente. Quando hoje ouço alguém falar em francês, ouço sempre um eco da corte. Há alguma coisa que, no primeiro contato, para um não francês, soa *affektiert*, afetado. A língua francesa é mais abertamente ritualizada que a língua alemã; ela tem uma música muito mais pronunciada. Em *O Processo Civilizador* há uma conversa entre um burguês francês e um nobre francês, na qual o nobre corrige o burguês e o burguês deve mudar sua linguagem para se conformar às maneiras da corte<sup>14</sup>. Se fizessemos um estudo comparativo sobre as características nacionais francesas, alemãs e inglesas, de um ponto de vista sociológico, chegaríamos a conclusões muito claras. As relações entre a burguesia e a aristocracia na França foram diferentes e elas deixaram sua marca não somente sobre a língua, mas também

sobre os comportamentos, por exemplo, sobre a maneira como as mulheres se movem na França. Quando vivi em Paris, as mulheres das classes superiores tinham uma maneira muito específica de se mover, uma elegância feminina particular que era também uma herança da corte. A única língua alemã que tinha alguma coisa de comparável com a francesa é a austríaca, que é ligada da mesma forma à Corte de Viena, a segunda grande corte imperial. Em certo momento, a corte serviu de modelo para a moda, forneceu os padrões em matéria de língua e de elegância. Na Inglaterra, era mais a boa sociedade aristocrática, mas havia também centros burgueses. A burguesia era mais independente do que na França, de maneira que se produziu uma mistura entre as boas maneiras e os bons costumes: as maneiras vindas da aristocracia e os costumes da burguesia, e pode-se ver no início do século XVIII como essas duas influências se misturaram.

**Johan Heilbron:** O senhor começou seus estudos na Universidade de Breslau. Como era a vida na universidade?

**Norbert Elias:** Em Breslau, eu vivia sempre na casa dos meus pais e minha vida social era muito diferente do que foi mais tarde em Heidelberg e em Frankfurt. Porque os judeus não eram admitidos nas confrarias estudantis alemãs, eu era membro de uma associação de estudantes judia, que era uma tentativa de imitar as confrarias estudantis alemãs, mas sem se levar tão a sério. As confrarias estudantis alemãs tinham um uniforme próprio, elas tinham suas boinas e suas cores, e o duelo era um aspecto importante dos seus costumes<sup>15</sup>.

14 Norbert Elias, *La Civilisation des mœurs*, trad. de Pierre Kamintzer, Paris, Pocket, p. 157-158. Publicado em português, com o título *O processo civilizador* (V.1), por Jorge Zahar Editor (primeira edição de 1990, traduzida da versão inglesa por Ruy Jungmann [N. T.]

15 Ver o ensaio de Norbert Elias “Honour, duelling and membership of the imperial ruling class: being judged worthy to give satisfaction”, in *Studies on the Germans*, *op. cit.*, p. 49-134.

Quando um dos membros mais velhos da nossa associação se casou, ele disse que sentiu orgulho que a associação de estudantes estivesse presente. Na ocasião, vestimos então aqueles curiosos uniformes que tinham também espadas e, na sinagoga, o representante dos estudantes me murmurou: "Ein Mittelalter im Andern!" [Estamos de volta à Idade Média!]. Era o nosso sentimento. Fizemos isso simplesmente porque queríamos ter uma vida social.

As confrarias estudantis alemãs tinham também suas cervejarias: eles se reuniam em volta de uma grande mesa bebendo cerveja segundo um ritual específico. Se um membro mais velho brindava à saúde de um mais novo, o mais novo era obrigado a esvaziar seu copo. E se os estudantes mais velhos sentissem que um estudante mais jovem era tímido, eles bebiam um após o outro à sua saúde até ele ficar bêbado. Uma coisa importante era não demonstrar que você estava embriagado. Era uma forma de aprender a se impor uma disciplina. Nós não fazíamos isso, mas eles levavam isso muito a sério.

Havia toda uma hierarquia das confrarias estudantis. No topo, os *Corps* eram principalmente para a nobreza e para a grande burguesia. Havia em seguida os *Burschenschaften* para a burguesia média. E, mais embaixo, os *Turnerschaften* e os *Landmannschaften*<sup>16</sup>. Elas eram todas *satisfaktionsfähig*, que queria dizer que, quando você era chamado para um duelo, você deveria enfrentar. Mas você somente podia ser desafiado para um duelo por um membro da mesma confraria estudantil. A exclusão dos judeus somente ocorreu no final do século XIX e a mentalidade que tomou mais tarde uma forma mais brutal com os nacional-socialistas teve

suas raízes nessas confrarias estudantis.

**Johan Heilbron:** Durante alguns anos, o senhor estudou ao mesmo tempo filosofia e a medicina. O senhor tinha em mente fazer pesquisa médica ou se tornar médico?

**Norbert Elias:** Não. Estudei medicina, sobretudo, porque era a ambição não realizada de meu pai, que sempre quis ser médico. De certo modo, ele me aconselhou a estudar medicina porque oferecia boas perspectivas. Você não deve esquecer que terminei a escola durante a guerra – em outros termos, eu comecei medicina somente em 1919, enquanto ainda era soldado. Por uma razão confusa, somente fui liberado em 1919, e ser estudante de medicina me servia também porque eu podia ser voluntário em um hospital, o que fiz. Ao mesmo tempo, minhas experiências escolares tinham-me despertado o gosto pela filosofia, pelo que comecei também a estudar filosofia. A época era agitada e podíamos fazer todo tipo de coisa que não podemos fazer hoje em dia.

**Johan Heilbron:** O senhor fez seus estudos de filosofia principalmente com Richard Höningwald<sup>17</sup>. Qual era a posição filosófica dele e em que sentido ele foi importante para o senhor?

**Norbert Elias:** Richard Höningwald era antes de mais nada um homem muito impressionante. Ele era grande, era um judeu batizado que tinha uma disciplina intelectual extremamente forte. Gosto de lembrar que a principal coisa que aprendi com ele é que podemos ter certeza que descobertas são possíveis graças ao conhecimento e à reflexão. Ele me deu o exemplo mostrando que podemos resolver um problema se

16 *Ibid.* Os *Corpos* eram quase-militares e muitos aristocratas que eram membros deles tornavam-se oficiais do exército; os três outros termos remetem respectivamente às corporações, às associações esportivas e às associações de estudantes locais.

17 Richard Höningwald (1875-1947), professor de filosofia na Université de Breslau (1916-1930), depois em Munich (1930-1933), nas quais, enquanto judeu, era rejeitado; ele imigrou para os Estados Unidos em 1939.

sentamos e refletimos. Era um neokantiano, mas ele não pertencia a nenhuma das escolas existentes – ele as via com olhar muito crítico. Ele não era tão conhecido quanto Cohen ou Rickert, ou talvez Cassirer, mas era um homem respeitado, que seguia seu próprio caminho<sup>18</sup>. Ele era bastante inventivo em sua forma de pensar e era especialmente mais original do que se diz. Por exemplo, ele escreveu um livro original sobre a *Denkpsychologie*, no qual há um capítulo intitulado “Über das Verlieren des roten Fadens”, você sabe, quando alguém diz: “Ich habe den Faden verloren” [“eu perdi o fio da meada”].

Ele foi para mim um modelo muito importante de clareza e de bom senso. Tive um desacordo terrível com ele no fim da minha tese, mas isso não diminui em nada a minha dívida em relação a ele. Eu lhe devo um rigor e uma confiança no poder do pensamento. Estudante, eu frequentava também o seminário de Rickert

e, durante um ou dois semestres, o seminário de Husserl<sup>19</sup>. Podia-se ir em outros centros e em direção a outros professores com a benção de Höningwald que, entretanto, tinha um ligeiro desprezo pela maior parte deles. A razão pela qual fui admitido no seminário eletivo de Husserl é que eu conhecia Edith Stein, uma das principais assistentes Husserl. Edith Stein, que vinha de Breslau e era conhecida da minha prima, era uma das mulheres mais cultas da Alemanha. Mais tarde ela se converteu ao catolicismo e se tornou religiosa. Uma tragédia que me assombra é que quando os nazistas chegaram ao poder e pediram que todos os representantes da raça judia lhes fossem entregues, o mosteiro a enviou<sup>20</sup>. Mas estudei muito a filosofia de Rickert, a filosofia de Husserl, eu me tornei muito amigo de Jaspers<sup>21</sup>. Então, tive uma percepção bem ampla do que se fazia em filosofia na Alemanha.

18 Hermann Cohen (1842-1918), filósofo judeu alemão, é um dos fundadores da Escola Neo-Kantiana de Marbourg, que era especializada na epistemologia e na lógica, diferentemente da Escola do sudeste ou de Baden, que, com Heinrich Rickert (1863-1936) e Wilhelm Windelband (1848-1915), enfatizava as questões da cultura e do valor e é conhecida pela distinção entre ciências “nomotéticas” e “idiográficas”. Ernst Cass (1874-1945), aluno de Cohen, desenvolveu uma teoria das formas simbólicas. Segundo Benjo Maso, a sociologia de Elias é tributária de uma epistemologia relacional que é derivada do neo-kantismo, em particular dos trabalhos do jovem Cassirer; Ver: Benjo Maso, “Elias and the neo-kantians: intellectual backgrounds of *The civilising process*”, *Theory, Culture and Society*, 12(1), 1995, p. 43-79. Essa visão foi contestada por Richard Kilminster e Cas Wouters, em “From philosophy to sociology: Elias and the neo-kantians”, *ibid.*, p. 81-120, e por Johan Goudsblom, em “Elias and Cassirer, sociology and philosophy”, *ibid.*, p. 121-126. Para a resposta de Maso, ver: “The differential layers of *The civilising process*: a response to Goudsblom, Kilminster and Wouters”, *ibid.*, p. 127-145.

19 Edmund Husserl (1859-1938), fundador da fenomenologia, professor de filosofia na Universidade de Fribourg.

20 Edith Stein (1891-1942) era originária, como Elias, de uma família judia de Breslau, e era amiga da prima de Elias, Lilli Platau. Ela obteve seu doutorado com a menção *summa cum laude* sob a orientação de Husserl, em 1916. Em carta ao assistente de Husserl, em abril-maio de 1920, ela escreve: “Um jovem homem daqui foi a Fribourg para assistir às conferências de Husserl...ele tem a arrogância habitual das pessoas que tem o espírito crítico”. Ver: Edith Stein, *Self-Portrait in Letters, 1916-1942* [*Collected Works of Edith Stein*, vol. 5], Washington DC, ICS Publications, 1993, p. 42-43. Em 1922, Stein se converte ao catolicismo e começa a interpretar a fenomenologia de um ponto de vista tomista. Em 1934, ela entra num convento de carmelitas em Colônia, depois, por razões de segurança, é transferida ao Carmel d’Echt, nos Países Baixos, que não é mais seguro após a invasão alemã. Ela morreu em Auschwitz, e foi canonizada pelo papa João Paulo II, em 1998.

21 Karl Jaspers (1883-1969), psiquiatra e filósofo existencialista, Elias o reencontrou em 1919, quando ele estava em Heidelberg durante um semestre.

**Johan Heilbron:** No entanto, a filosofia enfim não lhe satisfazia?

**Norbert Elias:** Durante a preparação da minha tese, que foi meu primeiro trabalho intelectual de importância, pondo de lado algumas comunicações nos seminários de Heidelberg, cheguei à conclusão que Kant estava enganado, que a ideia de que as categorias (como aquela de causalidade) eram categorias *a priori* era absurda, porque evidentemente Kant retirava o termo “causa” da sociedade da qual ele vinha. O que Kant considerava como *a priori* eram, de fato, conceitos históricos. Eu tive então um enorme conflito com Hönigswald, que recusou minha tese. Eu tive que me comprometer, mas, no entanto, ele não autorizou as três últimas páginas, que precisaram que ser retiradas. Ele era muito autoritário e, obviamente, era terrível que um de seus alunos perdesse a fé. Por que e como eu já estava afastado da filosofia nessa época, não sei. Eu tinha, é claro, sido marcado pela experiência da guerra e pela experiência dos meus pais, que tinham perdido o dinheiro deles por conta da inflação. A realidade tinha entrado nas nossas vidas e, tenho certeza, embora não consiga a reconstituir, tudo isso contribuiu para a minha insatisfação em relação à filosofia.

**Johan Heilbron:** O senhor não foi então atraído nem pelo trabalho de Husserl ou de Jaspers, nem pela renovação da tradição kantiana de um Cassirer?

**Norbert Elias:** Eu sabia o que era a metafísica e por conta do Hönigswald, de um lado, e do meu próprio temperamento, de outro, eu não estava atraído pela metafísica.

Cassirer era diferente; não era metafísica. Havia laços entre nós. Ele era também de Breslau e ainda que eu nunca o tenha encontrado, eu era muito próximo de um de seus filhos, que era igualmente filósofo<sup>22</sup>. Eu tinha afinidades com seu trabalho. Eu li *Substanzbegriff und Funktionsbegriff* [Substância e Função] e alguns de seus estudos históricos<sup>23</sup>. Mas fundamentalmente meu centro de interesse era Hönigswald.

**Johan Heilbron:** Após o conflito com Hönigswald, o senhor foi para Heidelberg e se dedicou à sociologia?

**Norbert Elias:** Eu fui a primeira vez à Heidelberg como estudante e retornei após ter concluído minha tese em Breslau. Durante minha primeira estada, em 1919, eu era muito próximo de Jaspers, que me falou um pouco de Max Weber, mas eu não tinha nenhum tipo de ligação com a sociologia. Quando retornei, em 1925, a sociologia estava em voga em Heidelberg, o que não era o caso na minha primeira estada. Fundamentalmente, eu estava insatisfeito com a filosofia e procurava outra coisa. A sociologia me permitia estar mais em contato com a realidade e ela estava muito mais próxima das minhas necessidades. Particularmente aquela que praticava Mannheim. Sua crítica radical das ideologias me agradava e respondia à minha convicção de que muitas falsas ideias circulavam à época. Eu me tornei muito próximo de Mannheim e, de maneira diferente, de Alfred Weber<sup>24</sup>. Todas as minhas experiências durante a guerra, durante os anos de inflação, convidavam um jovem idealista a adotar um olhar mais realista.

É verdade que Heidelberg era, então, particularmente reputada em sociologia, mas não

22 Heinz Cassirer (1903-1979), filósofo kantiano, que estudou em Glasgow antes de ensinar em Oxford.

23 Ernst Cassirer, *Substanzbegriff und Funktionsbegriff: Untersuchungen über die Grundfragen der Erkenntniskritik*, Berlin, Bruno Cassirer, 1910.

24 Sobre Alfred Weber e Mannheim, ver *Norbert Elias sur lui-même*, Paris, Fayard, 1991, p. 128-149. [N.T. Ver em português: *Norbert Elias por ele mesmo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002, p. 114-133].

estou seguro de que eu sabia disso. Eu simplesmente escolhi ir para lá porque a intensa atmosfera intelectual que ali reinava me atraía muito. Não havia comparação possível com a França, porque a superioridade de Paris sobre os outros centros intelectuais é tão bem estabelecida que ela não tem equivalente. Mas na Inglaterra pode-se verdadeiramente dizer que um estudante de Oxford olhará tudo o que lhe oferece Oxford como o que há de melhor e superior. Era um pouco parecido com a atitude que tínhamos: para nós, Heidelberg era o que havia de mais estimulante, o lugar onde era preciso estar.

**Johan Heilbron:** Havia contatos regulares com outros centros de sociologia?

**Norbert Elias:** Eu penso que os professores se conheciam uns aos outros: Alfred Weber tinha conhecido Sombart em Berlin, Jaspers tinha relações estreitas com Heidegger<sup>25</sup>, mas os estudantes estavam totalmente na atmosfera de Heidelberg. Como a lembrança de Max Weber persistia, tínhamos a arrogância de acreditar que estávamos no melhor lugar possível.

**Johan Heilbron:** Quais eram as relações com as outras disciplinas? Parece que não havia quase nenhuma com os historiadores e que não existia uma ligação especial com a filosofia, como acontecia na França.

**Norbert Elias:** É verdade que eu não me lembro de nenhum contato com historiadores em Heidelberg, mas eu estou seguro que os historiadores frequentavam também o salão de Marianne Weber<sup>26</sup> – havia por exemplo Ernst Robert Curtius<sup>27</sup>. Havia muitos contatos entre as disciplinas, mas eu não me lembro de nenhuma relação particular com os historiadores. Todo meu conhecimento de história eu o adquiri como autodidata. Com a filosofia, é certo que não havia uma ligação privilegiada. Se havia relações particularmente importantes com outra disciplina, é provavelmente com economistas: por exemplo entre Mannheim et Lederer<sup>28</sup>, que eram amigos próximos.

Na verdade, a principal coisa que me lembro é o quanto as coisas eram impregnadas pelos pertencimentos políticos. Você podia situar cada pessoa em função de sua posição política. Mannheim era um homem de esquerda moderado, Alfred Weber era um liberal com um forte apelo nacional. Havia um círculo em torno do periódico *Die Tat*, que se interessava principalmente pelos trabalhadores de classe média, que deviam fazer contrapeso aos operários. Havia todo um movimento e toda uma teoria segundo a qual estes trabalhadores iam ultrapassar em número os operários. Porque eles eram mais nacionalistas, eles esperavam uma renovação do conservadorismo nacional a partir de um movimento de massas daqueles trabalhadores.

25 As obras de Werner Sombart (1863- 1941), *Luxus und Kapitalismus* (1913) e *Der moderne Kapitalismus* (1922), são citadas por Elias em *La Société de cour*, trad. de Pierre Kamnitzer et Jeanne Etoré, Paris, Flammarion, 2008. Martin Heidegger (1889-1976), sucessor de Husserl na Universidade de Fribourg, é conhecido por sua “ontologia fundamental”. Ver em português: *A Sociedade de Corte*. Rio de Janeiro, trad. Pedro Sússekind, Jorge Zahar Editor, 2001 [N.T.].

26 Marianne Weber (1870-1954) era socióloga e militante dos direitos das mulheres, assim como biógrafa de seu marido. Ver: Marianne Weber, *Max Weber: ein Lebensbild*, Tübingen, J. C. B. Mohr, 1926.

27 Ernst Robert Curtius (1886-1956) é um historiador da literatura. Seu livro mais conhecido é *Europäische Literatur und lateinischesMittelalter*, [1948] (trad. Francesa: *La Littérature européenne et le Moyen Âge latin*, trad. de J. B réjoux, Paris, PUF, 1956).

28 Emil Lederer (1882-1939): sociólogo e economista, professor de política social em Heidelberg (1920-1933); no exílio, em New York, um dos fundadores da New School of Social Research.



Todas essas pessoas tinham coisas em comum com Hitler. Eles queriam se livrar do Tratado de Versalhes, eles queriam uma Alemanha forte, eles queriam um contrapeso ao movimento social-democrata e ao comunismo, que para eles eram mais ou menos a mesma coisa. E eles eram sobretudo antiparlamentares. As confrarias estudantis eram todas, sem exceção, de direita, e havia uma divisão clara em Heidelberg entre os *Verbindungsstudenten*, que eram membros de uma confraria estudantil, e os *Freistudenten*. Os estudantes de sociologia eram praticamente todos *Freistudenten*.

**Johan Heilbron:** Qual era a sua posição nessas lutas políticas?

**Norbert Elias:** Era claro para mim que os três quartos do que se chamava atividades políticas eram inúteis. Considera-se frequentemente que alguém que tente clarificar problemas políticos por intermédio de pesquisas não faz nada, enquanto que militantes políticos fazem algo porque vão a reuniões, etc. Em um governo, o ministro da economia faz algo, mas ele escuta também os economistas que tentam compreender como o sistema econômico funciona, ou ao menos pretendem. Eu não creio que os economistas o façam bem e eu penso que eles são extremamente influenciados pelos pré-julgamentos e pressupostos políticos. Mas há uma necessidade muito mais importante de compreender que é de como funciona uma sociedade como a nossa, e a sociologia pode ter um aspecto eminentemente prático se ela é bem-feita. O que não é o caso se estamos muito engajados nessa forma de política que nós temos hoje. Nos nossos dias, a dificuldade da sociologia é que muitos sociólogos defendem implicitamente um

partido político ou outro. Hoje, a política cobre um espectro que vai do comunismo ao fascismo, e é difícil para um sociólogo, que se identifica com um desses partidos, de tratar sociologicamente esses problemas.

**Johan Heilbron:** Qual era a reputação da sociologia francesa? Os trabalhos de Marcel Mauss ou de Maurice Halbwachs eram conhecidos?

**Norbert Elias:** Na Alemanha, a sociologia francesa era muito pouco ensinada. Os nomes eram provavelmente conhecidos e Mannheim tinha um bom conhecimento dos trabalhos de Durkheim, mas globalmente eu sou bem consciente que a sociologia francesa não desempenhava um papel central em Heidelberg e em Frankfurt. Eu sei disso porque eu tive que descobrir por mim mesmo Durkheim e Comte, muito mais tarde, na Inglaterra. Na Inglaterra, eu descobri o aporte dos sociólogos franceses que eu apreciava muito e que aprecio ainda. Quando eu proferia conferências introdutórias, eu consagrava sempre uma a Comte que, penso, continua muito negligenciado<sup>29</sup>. É sem dúvida o primeiro sociólogo das ciências, e sua sociologia é essencialmente uma sociologia da ciência e uma sociologia do conhecimento. E, ainda que de maneira não-sistemática, ele pensa também em termos de processo. Sua lei dos três estados, por exemplo, que é geralmente tratada com desprezo, era uma simplificação grosseira, mas claramente estava no caminho certo. O problema é que hoje foi totalmente estigmatizada. Além disso, eu nunca deixei de dar um curso sobre Durkheim. Eu conhecia suas fragilidades, mas o livro sobre o suicídio está em estreita relação com o meu próprio pensamento em termos de configuração, porque ele relaciona o suicídio a

29 Ver: Norbert Elias “Sociologie – la mise en question de Comte”, in *Qu’est-ce que la sociologie?*, trad. de Yasmin Hoffmann, Paris, Pandora, 1981. Versão em português: “A sociologia – as questões postas por Comte”. Capítulo 1 do livro *Introdução à Sociologia*, lançado em várias edições pela editora Edições 70 [N.T.].

uma rede de relações na qual a pessoa está inserida. É uma tentativa bem sucedida de mostrar como alguma coisa muito pessoal somente pode ser compreendida relacionando-a ao quadro social. E depois, tive por longo tempo simpatia por Lévy-Bruhl<sup>30</sup>. Eu aprendi muito com ele. Houve todos os tipos de objeções em relação ao fato que, nos seus momentos menos hesitosos, ele inventou o termo “pré-lógico” – que é efetivamente uma má expressão –, mas é ridículo se ater em uma palavra específica, quando os livros que ele escreveu sobre sociedades mais simples (e sobre o que elas têm em comum) são de um grande interesse.

**Johan Heilbron:** O senhor sentia que, com Mannheim, Horkheimer e outros, vocês pertenciam a uma “geração de Weimar” que diferia, sob muitos aspectos, da geração do Império, que é representada ainda por homens como Tönnies, Alfred Weber e Vierkandt<sup>31</sup>?

**Norbert Elias:** Eu não tenho certeza de que a divisão (que se tornou tão forte após a Segunda Guerra Mundial) entre a jovem e a velha geração, nessa época, era decisiva. Eu não penso assim. Havia diferenças geracionais, mas elas não eram assim tão marcadas quanto nos anos 1960, por exemplo<sup>32</sup>. A principal linha divisória se estabelecia entre a esquerda e a direita

e passava, para os jovens como para os mais velhos, por todas as nuances: esquerda moderada, esquerda radical, direita moderada, direita radical. Em Heidelberg, meu sentimento era que vivíamos muito no presente (com, obviamente, conhecimentos históricos), que estávamos mergulhados num período socialmente movimentado, com grandes tensões políticas. A única coisa que posso dizer, no que me concerne, é que sempre foi muito claro para mim que, como sociólogo, eu não podia ter engajamento político forte. Todos os meus amigos pertenciam à esquerda. Eu tinha alguns conhecidos à direita (um tornou-se nazista), mas, apesar de algumas zombarias dos meus amigos, eu dizia que minha tarefa era ser um cientista (*a social scientist*)<sup>33</sup>. Nós éramos cercados de mentiras, por mentiras políticas, que podia-se perceber como ideologias – como as chamava Mannheim –, nós éramos então essencialmente caçadores de mitos.

**Johan Heilbron:** Os temas das suas primeiras conferências sugerem uma predileção pela sociologia da cultura. No seminário de Jaspers, sua contribuição tratava de Thomas Mann e os “Zivilisationsliteraten”. Para o círculo de Weber, o senhor tinha falado da sociologia da arquitetura gótica.

30 O longo ensaio de Elias sobre Lévy-Bruhl, “Lucien Lévy-Bruhl and ‘the question of the logical unity of humankind’”, é publicado pela primeira vez nos *Supplements and Index [Collected Works]*, vol. 18], Dublin, UCD Press, 2014, p. 53-136. Ver também: Norbert Elias, *Engagement et distanciation: contributions à la sociologie de la connaissance*, trad.de Michèle Hulin, Paris, Fayard, 1993, note 6, p. 173-174. Versões em português: *Envolvimento e Distanciamento*, pela Editora Dom Quixote, e *Envolvimento e Alienação*, pela Bertrand Brasil [N.T.].

31 Alfred Vierkandt (1867-1953), professor de sociologia na Universidade de Berlin, de 1913 a 1934. Durante a República de Weimar, ficou conhecido por sua teoria fenomenológica da sociedade.

32 Ver: “Terrorism in the Federal Republic of Germany: expression of a conflict between generations”, in *Studies on the Germans*, *op. cit.*, p. 331-407.

33 Ver o capítulo 2, “Le sociologue comme chasseur de mythes”, in *Qu'est-ce que la sociologie?*, Paris, Éd. de l'Aube, 1991, p. 55-81. Versão em português: “O sociólogo como destruidor de mitos”. Capítulo 2 do livro *Introdução à Sociologia*, publicado por Edições 70 [N.T.].

**Norbert Elias:** Aqui, devo dizer que você aplicou categorias contemporâneas para o passado. Nessa época, a sociologia não era ainda uma disciplina com numerosas especialidades. Eu nunca concebi meu interesse pela sociologia gótica como integrando a categoria da sociologia da cultura. O que eu pensava à época, como hoje, é que havia inúmeros problemas não resolvidos no campo da sociologia. O que me interessava era resolvê-los.

No que tange à arquitetura gótica, eu tentei compreender: de quais situações humanas ela surge? Mas eu não vejo aí um problema diferente daquele do fascismo. São em todos os casos problemas sociológicos. Isso é o que eu tento sempre fazer. Há um problema pertinente e a questão é: eu posso encontrar a resposta? Pouco importa que se trate de cultura, de política, de ciência.

**Johan Heilbron:** Em Frankfurt, o senhor pertencia a um grupo que compreendia Mannheim, o psicólogo Wertheimer<sup>34</sup>, o psicanalista Foulkes [Fuchs], e Paul Tillich, o teólogo. Quais eram as questões que interessavam vocês?

**Norbert Elias:** Em Frankfurt, havia trocas intelectuais muito intensas. Eu não falaria de um grupo, era mais uma rede, ou um círculo de pessoas que eram todas mais ou menos inovadoras em seus domínios. Era uma atmosfera muito estimulante; trocávamos nossas visões, íamos frequentemente nos cafés, frequentávamos seminários. A sociologia ocupava um lugar central, essencialmente por conta da brilhante per-

sonalidade de Mannheim. A sociologia, como a maior parte das disciplinas universitárias, declina ou prospera segundo a envergadura dos seus representantes. Se eles podem defender suas ideias de uma maneira que encontra interesse em pessoas exteriores ao seu domínio, uma atmosfera se cria, oportunizando trocas, e era o caso nessa época. Mannheim era um intelectual muito brilhante e o interesse pela sociologia era muito amplo, seja da parte de Paul Tillich, que vinha da teologia, ou de Fuchs, que vinha da psicanálise. Era uma atmosfera na qual a sociologia não era algo abstrato e livresco.

Havia também discussões políticas, mas os outros eram todos muito mais engajados politicamente do que eu. Eles eram todos ligados, de uma maneira ou de outra, ao Partido Social Democrata. Eu creio que você não podia obter uma cátedra sem o apoio de um partido. A Universidade de Frankfurt foi fortemente criada pela cidade de Frankfurt. A Câmara Municipal tinha, assim, voz e, geralmente, os partidos dividiam as cátedras entre si.

Uma coisa que me interessa retrospectivamente é que, nesse círculo, não havia *Untergangsstimmung*, sem consciência do declínio ou pressentimento que todo trabalho intelectual seria logo destruído. Eu me lembro ainda da situação no início de 1933, quando todos esses homens desapareceram. Eu me encontrei de repente sozinho no meu quarto escutando rádio. Uma grande amiga, uma estudante comunista, que tinha igualmente partido, me ligou

34 Max Wertheimer (1880-1943), um dos fundadores da teoria da Gestalt, professor de psicologia em Frankfurt, 1929-1933. Siegfried H. Foulkes (nascido Fuchs, 1898-1976), estudou medicina em Frankfurt, onde ele colaborou como o célebre neurologista Kurt Goldstein, se formou como psicanalista em Viena e retornou a Frankfurt como diretor da clínica externa do Instituto de Psicanálise, localizado no mesmo imóvel que o Instituto de Sociologia. O Group Analytic Society foi fundado em Londres, no ano de 1952, em torno das experiências de análise do grupo que Foulkes (em colaboração com Elias e outros) havia organizado na década precedente. Paul Tillich (1886-1965), filósofo existencialista cristão e teólogo, professor de teologia em Frankfurt entre 1929 et 1933.

de Strasbourg e disse: “Norbert, eu posso voltar agora?”. Eu disse a ela: “Tu és louca?”<sup>35</sup>. Nós não estávamos totalmente conscientes do que se passava. Ouvia-se falar de combates de rua, sabia-se que um ou dois colegas, com os quais tínhamos relações corteses, eram nazistas, mas não pensávamos que o “populacho” poderia tornar-se o grupo dominante na Alemanha. Era um pouco a soberba, a arrogância dos intelectuais.

**Johan Heilbron:** Uma das suas preocupações nessa época não era tentar ultrapassar a oposição entre *Geistes - und Naturwissenschaften*, utilizando o seu conhecimento de medicina?

**Norbert Elias:** Eu não diria isso com esse grau de precisão. Eu nunca gostei da expressão *Geisteswissenschaften* e eu perguntava sempre: “Sobre o que você pesquisa verdadeiramente, onde está o *Geist*? Eu não o vejo”<sup>36</sup>. A influência dos meus estudos em medicina era muito importante a esse respeito, porque eu tinha uma concepção muito clara do que era a pesquisa científica, e eu pensava que podia-se estudar a sociedade, não com o mesmo método, mas com o mesmo distanciamento com o qual pode-se estudar os objetos físicos. Isso começou muito claramente em Frankfurt.

**Johan Heilbron:** E o seu interesse pela psicanálise?

**Norbert Elias:** Em Frankfurt, a psicanálise era quase uma evidência e havia lá uma relação estreita com a sociologia. A esposa de Mannheim, Julia Mannheim, tornou-se psicanalista. Eu mesmo tornei-me um bom amigo de Fuchs, que se chamou mais tarde Foulkes. Em Londres, eu tra-

balhei com ele numerosos anos. Ele é o fundador do Group Analytic Society, e sua passagem da psicanálise à terapia de grupo estava também ligada à sua atração pela sociologia em Frankfurt. Eu o ajudei a construir esse movimento, eu me formei em análise de grupo. E poderia ter escolhido tornar-me analista, mas eu decidi que devia continuar como sociólogo. Mas foi uma das minhas atividades durante um momento.

**Johan Heilbron:** Há livros ou autores que foram particularmente importantes para o senhor durante esses anos em Weimar?

**Norbert Elias:** Eu penso que os únicos livros que me influenciaram profundamente são os livros de Freud. É um erro pensar que é nos livros que uma pessoa aprende mais coisas. Eu aprendi mais com as épocas que eu atravessei e com as pessoas que eu conheci. Se eu penso nos livros que eu gosto particularmente, há *O Suicídio*, de Durkheim, *As Novas Conferências Introdutória*, de Freud, ou os livros de Anna Freud sobre os mecanismos de defesa<sup>37</sup>. Trata-se de alguns livros que eu gosto muito, mas no conjunto eu penso que minha maneira de fazer sociologia não se formou principalmente nos livros.

**Johan Heilbron:** O senhor também ensinou sociologia em Heidelberg e Frankfurt?

**Norbert Elias:** Em Heidelberg, Mannheim era ainda *Privatdozent* e me tornei de maneira informal seu assistente. Os cursos de um *Privatdozent* não eram obrigatórios para os estudantes. Era, então, importante para ele consolidar laços com os estudantes e eu era um desses elos, por-

35 A estudante em questão é Ilse Seglow (1900-1984), que é comentada adiante. Ela foi, mais tarde, psicanalista e analista do grupo em Londres. Com seu marido, ela não foi além do que Sarrebruck, então sob ocupação francesa. A história é relatada por seu filho, Peter Seglow, in *Figurations: Newsletter of the Norbert Elias Foundation*, 39, juillet 2013.

36 *Geist* pode ser traduzido por “espírito”, “intelecto”, “psiquê”, e mesmo por “fantasma”.

37 Sigmund Freud, *Nouvelles conférences d'introduction à la psychanalyse*, trad. de Rose-Marie Zeitlin, Paris, Gallimard, 1984; Anna Freud, *Le Moi et les mécanismes de défense*, Paris, PUF, 2001.

que eu tinha mais facilmente relações com os estudantes do que ele. Quando ele obteve uma cátedra em Frankfurt, em 1930, eu me tornei oficialmente seu assistente. Eu era encarregado das teses e eu supervisionei todas, com exceção de uma entre elas. Eu interrogava sempre os estudantes sobre seus *hobbies* e os aconselhava de estudá-los, mesmo que não fossem necessariamente temas acadêmicos. Gisèle Freund fez assim seu trabalho sobre a fotografia e eu aconselhei Ilse Seglow, que havia sido atriz, a estudar o meio dos atores<sup>38</sup>. Os atores na Alemanha formam uma sociedade particular: se você fosse um ator de primeira categoria em Mannheim, atuar em Hambourg representava uma promoção importante. Havia toda uma hierarquia de teatros, na qual, por exemplo, o teatro de Darmstadt, não sei por qual razão, era classificado como o melhor. Foi assim que, numa noite, Mannheim, Ilse Seglow e eu nos encontramos no melhor camarote do teatro de Darmstadt para assistir uma peça e entrevistar os atores em seguida. Mannheim encorajava minhas atividades, mas se concentrava muito em seus cursos e em seu seminário.

**Johan Heilbron:** Além do círculo ao qual o senhor pertencia, havia o Institut für Sozialforschung, com Horkheimer e Adorno, mas parece que havia poucas relações.

**Norbert Elias:** Nós tínhamos relações muito polidas, mas um desprezo recíproco. Não tanto no que me concerne, mas Mannheim, Tillich e os

outros os consideravam marxistas doutrinários. E para Adorno e Horkheimer, Mannheim e Tillich eram apenas semi-burgueses de esquerda. Por outro lado, o seminário de sociologia ocorria no prédio do Institut für Sozialforschung. A universidade tinha alugado salas do instituto, e nós nos víamos uns aos outros frequentemente. Quando eu quis escrever meu *Habilitationsschrift* fui pedir a Horkheimer uma sala, que ele me deu. Eram relações extremamente civilizadas e polidas. Por isso, necessariamente, não falávamos uns para os outros: “você é um radical dogmático” ou “você é um desprezável esquerdista”.

**Johan Heilbron:** A habilitação que o senhor planejou fazer com Alfred Weber devia tratar da importância da sociedade e da cultura florentinas nas origens da ciência<sup>39</sup>. O que fez o senhor mudar de tema para se voltar à sociedade de corte?

**Norbert Elias:** A única resposta que posso dar é provavelmente muito insatisfatória: é a maneira que eu trabalho e sempre trabalhei. Eu escolho um tema, às vezes eu o trato até o limite, outras vezes eu o abandono e vou em direção a outro tema. Nesse caso [a tese sobre as origens florentinas da ciência], eu não tinha mais a possibilidade de ir à Florença e eu queria, também, fazer algo que eu poderia terminar em um prazo razoável. Mannheim me sugeriu algo sobre o liberalismo francês no século XIX. Eu comeci então a trabalhar, eu derivei em direção ao século XVIII e XVII e, de repente, eu vi que havia algo a fazer que não tinha sido feito anteriormente:

38 Gisèle Freund (1908-2000) obteve finalmente seu doutorado no exílio, na Sorbonne, com a sua tese publicada sob o título: “La photographie en France au XIXe siècle: étude de sociologie et d’esthétique”, Paris, La Maison des amis des livres Adrienne Monnier, 1936. Ela foi uma das mais célebres fotógrafas do século XX. Com Ilse Seglow, ela lembra de Elias do tempo em que ele ensinava em Frankfurt, contribuindo ao *Festschrift* apresentado na ocasião do seu 80.º aniversário. Ver: Peter Gleichmann, Johan Goudsblom et Hermann Korte (org.), *Human Figurations: Essays for/Aufsätze für Norbert Elias*, Amsterdam, Stichting Amsterdams Sociologisch Tijdschrift, 1977, respectivamente p. 12-15 et p. 15-22.

39 Ver o plano de tese de Elias, preparado para Alfred Weber: “The emergence of the modern natural sciences”, in *Early Writings*, *ibid.*, p. 111-123.

e a corte, então<sup>40</sup>? Eu me interessei sempre por problemas não resolvidos, e eu esqueci então completamente a sociedade florentina.

O que eu vi – e isso acontece frequentemente – é que há certos problemas urgentes que, por uma razão ou outra, não são tratados, frequentemente, por razões ideológicas. Nesse caso da corte, era bastante claro que seu interesse não era percebido porque os autores burgueses nutriam uma certa hostilidade em relação à corte; a história negligência assim algo muito importante para compreender a estrutura das sociedades. Mesmo se isso parece menos evidente hoje, tratava-se de uma ruptura com a abordagem ideológica do passado. Os sociólogos devem ser capazes de ver a importância de uma dada formação social, quer eles a apreciem ou não. Há muitos problemas desse tipo hoje. Eu penso, por exemplo, que o problema da classe operária hoje não é tratado de forma realista.

Se eu tivesse tempo, seria um dos problemas sobre os quais eu gostaria de escrever. Uma tal carga ideológica cerca esse problema e a realidade da condição operária não é conhecida verdadeiramente... De toda maneira, eu penso que a perspectiva sobre a classe operária vai mudar. Mas é apenas um exemplo entre centenas de problemas sociológicos importantes que não são tratados.

**Johan Heilbron:** Entre 1933 e 1935, durante o primeiro período do seu exílio, o senhor vivia em Paris?

**Norbert Elias:** Em Paris, eu era um *outsider* completo. Um estrangeiro pobre que não tinha nenhum acesso, ou quase, à sociedade francesa. Com uma bolsa holandesa<sup>41</sup>, eu tive alguns contatos. Célestin Bouglé me convidou muito gentilmente para a École Normale Supérieure<sup>42</sup>. Era um homem agradável, mas eu não convivi muito pessoalmente com ele. Eu encontrei Jean Meuvret algumas vezes, que era então bibliotecário da École Normale, mas a única coisa que eu me lembro é que ele era amistoso e que tentava me ajudar<sup>43</sup>. Alexandre Koyré é a única pessoa com a qual eu tive um pouco mais de contatos<sup>44</sup>. Mas, apesar desses laços, eu continuei um *outsider* completo. Eu nunca visitei um francês na minha vida pessoal, e, de fato, eu vivia um dia de cada vez.

**Johan Heilbron:** Quando o senhor saiu de Paris, o senhor conhecia a Inglaterra?

**Norbert Elias:** De jeito nenhum. Eu não falava inglês e mal sabia ler. Mas a situação na França era sem esperança e os amigos refugiados que eu conhecia de Breslau, e que viviam na Inglaterra, me disseram que eu podia ir para Inglaterra. Eles vieram para Ostende me procurar. Eles trouxeram a carta de um amigo que me permitia entrar na Inglaterra<sup>45</sup>. E tinham preparado todos os aspectos da minha ida. No início, eu vivia com amigos. E recebi então uma

40 N. Elias, *La Société de cour*, op. cit.

41 Elias recebeu uma pequena bolsa do Nationaal Steun Fonds (National Aid Fund).

42 Célestin Bouglé (1870-1940), diretor do Centre de documentation sociale (1920-1940) e da École normale supérieure (1935-1940).

43 Jean Meuvret (1901-1971), historiador da economia, conhecido por sua análise do “problema de subsistências”.

44 Alexandre Koyré (1892-1964), cujos trabalhos sobre a ciência nos séculos XVI e XVII podem ter servido de ponto de contato com Elias, devido ao interesse desse último pela ciência na época do Renascimento.

45 Elias faz referência a Alfred Glucksmann (1904-1985) e a Martin Braun. Glucksmann era um pesquisador da medicina, sobre embriologia, que Elias conheceu em Breslau e Heidelberg. Ver suas contribuições em: “Norbert Elias on his eightieth birthday”, in Peter Gleichmann et al. (dir), *Human Figurations...*, op. cit., p. 9-10. A carta era de Patrick Murray, um amigo botânico de Glucksmann, e esse “convite” era necessário para que Elias pudesse entrar no Reino Unido (Informação fornecida pela Professora Miriam Glucksmann).

bolsa, me permitindo retrabalhar em *O Processo Civilizador*<sup>46</sup>.

**Johan Heilbron:** O que o conduziu a retrabalhar *Die höfische Gesellschaft*, para fazer um novo livro, em uma perspectiva muito mais ampla?

**Norbert Elias:** Sua questão supõe implicitamente que nós nos colocamos a escrever um livro seguindo um plano, que dizemos: “Agora, eu vou escrever um livro sobre isso ou aquilo”. Isso me acontece muito, muito, raramente. Muito frequentemente, eu perambulo. Eu encontro em um momento algo de interessante e progressivamente chego a encontrar um problema. Eu o sigo, depois o abandono porque ele não é fecundo. Em outros termos: os livros são processos. Talvez a atitude das pessoas hoje é de dizer: eu recebo uma bolsa para tal tema, então eu devo escrever um livro sobre esse tema, ponto final. Feliz ou infelizmente, eu não trabalho dessa forma. O livro sobre o tempo<sup>47</sup>, que acaba de ser publicado em alemão, foi escrito em um período de dez ou quinze anos. Eu escrevo um pedaço. Relendo-o alguns anos mais tarde, eu encontro nele defeitos e o modifico, e o texto melhora. Na origem de *Die höfische Gesellschaft* há a minha habilitação. Eu o reli e um editor o queria, então eu tirei capítulos e o escrevi novamente<sup>48</sup>. Foi do mesmo modo com *O Processo Civilizador*. Eu não sentei e disse a mim mesmo: “Ah, eu devo escrever um livro sobre o processo de civilização”. De maneira nenhuma. Após ter escrito talvez os três primei-

ros capítulos, eu me perguntei: “Qual título eu poderia dar a isso? Vamos pensar, talvez “Sobre o processo de civilização seria uma boa ideia” [Risos]. É uma maneira de trabalhar muito diferente daquela, bem organizada, que as pessoas têm hoje. Ela me dá a possibilidade de melhorar as coisas, de ter novas ideias, de conservar um espírito aberto.

Quando eu trabalhava no livro em Londres, eu folheava sempre o catálogo do *British Museum*. Às vezes, eu encontrava um título interessante e eu o solicitava, ainda que eu não tenha pensado nunca nesse livro anteriormente. Então, eu pedi um livro sobre etiqueta – era talvez aquele do Erasme<sup>49</sup> – que era muito estranho porque ele dizia: você deve usar seu guardanapo/toalha por cima do seu ombro esquerdo. Muito estranho. Mas, e se eu tivesse pedido uma edição diferente do mesmo livro? Descobri então que certos livros de boas maneiras tiveram 25 edições e que a 25.<sup>a</sup> edição era diferente da primeira. Os psicólogos tratam do comportamento como algo eterno porque não há fontes confiáveis para o passado. Eu disse então que havia fontes confiáveis sobre a mudança em matéria de comportamento humano. Foi o material que me guiou, não um plano de livro. Uma vez que eu estava nessa pista, eu a segui de maneira sistemática.

**Johan Heilbron:** Na Inglaterra, foi necessário um longo tempo antes que o senhor obtivesse um posto na universidade.

46 Elias obteve uma pequena bolsa da Society for the Protection of Science and Learning para seu trabalho em Londres.

47 Publicado em português, com o título *Sobre o tempo*, por Jorge Zahar Editor, cuja primeira edição data de 1998 [N.T.].

48 O título original da *Habilitationsschrift*, quando Elias estava em Frankfurt, era *Der höfische Mensch*, mas essa versão do que tornou-se *La Société de cour* desapareceu.

49 Desiderius Erasmus, *De civilitate morum puerilium* (1527). Ver N. Elias, *La Civilisation des mœurs*, op. cit., p. 78 sq.

**Norbert Elias:** Até 1954, eu trabalhei na formação de adultos. Eu ensinava tudo que eles queriam aprender: desde política até psicologia, história, economia. Você apenas era pago se uma turma fosse aberta e, como os estudantes eram livres para vir ou não, você deveria fazer muitos esforços para conservar os alunos. Eu vivi dessa maneira durante dez anos. Era uma vida muito incerta, mas também uma experiência muito interessante, que me permitiu entrar em contato com ingleses. Nessa mesma época, eu via ocasionalmente Morris Ginsberg na London School of Economics e às vezes eu fui convidado a dar conferências lá<sup>50</sup>. Mas somente existia departamento de sociologia em Londres e em uma outra cidade<sup>51</sup>, de maneira que havia poucos postos para sociólogos. Foi apenas nos anos 1950, quando a sociologia se desenvolveu, que fui recrutado para Leicester. Aí, eu ministrei conferências de introdução, seguindo unicamente minhas próprias concepções. Claro, já criticava Parsons<sup>52</sup> e o funcionalismo, mas eu podia fazer tudo o que eu queria, apesar de meus colegas não verem as coisas como eu. Por exemplo, uma revista alemã vai publicar em breve um artigo sobre Karl Popper, que eu apresentei há quinze anos em Leicester<sup>53</sup>. Eu removi uma passagem onde eu dizia: “eu sei que ninguém entre vocês está de acordo comigo quando eu digo isso”. Mas isso não é totalmente exato. Havia sempre alguns colegas que estavam de acordo comigo.

**Johan Heilbron:** Um dos pontos comuns mais evidentes das suas diferentes pesquisas é a noção de figuração. Poderia dizer algumas palavras da maneira pela qual ela se tornou um elemento central no seu trabalho?

**Norbert Elias:** Espantosamente, ela estava já presente na minha tese de doutorado. Eu disse em algum momento que Kant não pode ter razão em considerar a causa como categoria humana universal, pois o conceito de causalidade mecânica se desenvolveu no curso de um processo histórico que ele herdou. Trata-se simplesmente de dizer que processos ocorrem e que os considero sempre.

Eu trabalho ainda hoje para compreender como mudanças de longa duração podem ocorrer na estrutura social ou no comportamento, sem o projeto ou a intenção de ninguém. Isto ainda não foi explicado. Eu não sei como pude ter essa ideia. Eu acho simplesmente que há aí uma lacuna em nossos conhecimentos. Nesse momento, eu escrevo uma nova introdução ao *Envolvimento e Distanciamento* e digo bastante claramente que não sabemos explicar o fato que, ao longo de séculos, o conhecimento humano aumentou, que ele se tornou mais conforme à realidade<sup>54</sup>. Como o percurso é mantido e, sem que se tenha previsto, um desenvolvimento continue sempre na mesma direção?

50 Morris Ginsberg (1889-1970) tornou-se professor de sociologia na London School of Economics, em 1930, e é fundador e primeiro presidente (1955-1957) da British Sociological Association. Ginsberg era um imigrante judeu da Lituania no início do século XX.

51 Na Universidade de Liverpool.

52 Elias sempre criticou fortemente os trabalhos de Talcott Parsons (1903-1979), cuja a teoria dominou a sociologia desde os anos 1940 até os anos 1960.

53 Ver: Norbert Elias, “On the creed of a nominalist: observations on Popper’s *The Logic of Scientific Discovery*”, in *Essays I: On the Sociology of Knowledge and the Sciences*, Dublin, UCD Press, 2009 [*Collected Works*, vol. 14], p. 161-190. Esse ensaio, escrito em inglês no início dos anos 1970, foi inicialmente publicado em uma tradução alemã por Michael Schröter no *Zeitschrift für Soziologie*, em 1985.

54 Ver: N. Elias *Engagement et distanciation*, e o texto “Les pêcheurs dans le Maelström”, escrito alguns anos antes, é igualmente pertinente (para esses dois textos, ver: *Engagement et distanciation...*, *op. cit.*, respectivamente p. 7-68 et p. 69-174).